



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA
CAMPUS III – GUARABIRA – PB

LEYSON SILVA MONTEIRO

O TRABALHO FEMININO NOS CAMPOS DE AGAVE EM RIACHÃO-PB
(1960-1970)

GUARABIRA
2016

LEYSON SILVA MONTEIRO

**O TRABALHO FEMININO NOS CAMPOS DE AGAVE EM RIACHÃO-PB
(1960-1970)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção de grau de licenciado em História.

Área de concentração: História Cultural.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mariângela de Vasconcelos Nunes

Guarabira
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M772t Monteiro, Leyson Silva
O trabalho feminino nos campos de agave em Riachão-PB
(1960-1970) [manuscrito] / Leyson Silva Monteiro. - 2016.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Mariângela de Vasconcelos Nunes,
Departamento de História".

1. Mulher. 2.Trabalho. 3. Agavicultura. I. Título.

21. ed. CDD 630

LEYSON SILVA MONTEIRO

O TRABALHO FEMININO NOS CAMPOS DE AGAVE EM RIACHÃO-PB

(1960-1970)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em História da Universidade Estadual
da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção de grau de
Licenciado em História.

Aprovado em: 25/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

Mariângela de Vasconcelos Nunes

Prof.ª Dr.ª Mariângela de Vasconcelos Nunes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientadora

Susel Oliveira da Rosa

Prof.ª Dr.ª Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora

Joedna Reis de Menezes

Prof.ª Dr.ª Joedna Reis de Menezes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora

Dirijo-me primeiramente ao meu Deus, único e soberano, para agradecer pelo dom da vida e por sempre me dar a força necessária para continuar seguindo o caminho do bem.

Aos meus familiares: *Maria da Salete e Francisco*, meus pais, pelos cuidados e incentivos que me fizeram chegar até aqui. Agradeço a generosidade da minha mãe por ser tão compreensiva até mesmo nos momentos em que não merecia. Ser-lhe-ei eternamente grato. As minhas irmãs *Leticia e Liliane* pelo apoio; registro aqui grande amor e admiração por estas duas, pois, apesar de suas limitações, sabem viver com uma expressiva alegria que contagia a todos que as circundam.

Ao meu cunhado *Alexandre*, que durante a nossa vivencia sempre me incentivou, junto com os meus pais, a trilhar por caminhos bons e assim me fazendo se tornar uma pessoa aberta aos ensinamentos.

À minha Amada Noiva *Maynnara Jéssily*, que durante todo o meu estudo na Universidade, sempre esteve ao meu lado, mesmo em momentos em que não mereci a sua companhia. Agradeço pelo seu carinho enorme para comigo. A esta pessoa tão especial em minha vida, dedico toda a minha afeição e agradecimento eterno.

Aos professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) que muito contribuíram para minha formação acadêmica e humana, e de modo especial, a minha querida orientadora, *Mariângela de Vasconcelos Nunes*, por toda dedicação, calma e paciência para a construção deste trabalho, e, sobretudo, pela excelente pessoa humana que é.

Aos professores que compõe a banca examinadora, Prof^ª. Dr^ª. *Susel Oliveira da Rosa* e a Prof^ª. Dr^ª. *Joedna Reis de Meneses*. Suas lições de vida e de ofício são exemplos para aqueles que almejam traçar um caminho marcado pela escrita da História. Obrigado pela atenta leitura e certos comentários.

A todos os meus colegas de turma que percorreram essa longa jornada e perseveraram até aqui, em especial minha querida amiga de turma, *Francielly Morgana*, na qual eu tenho um grande respeito e admiração pelo seu caráter e perseverança na busca pelos seus ideais.

Agradeço imensamente a pessoa de *Aldeizy Ferreira*, a qual me recebeu em sua casa, no Município de Riachão, com os braços abertos. Sem o seu apoio, eu não teria concluído com a elaboração deste trabalho. Agradeço de coração pela ajuda e por ela ter me proporcionado conhece-la de tão perto.

A todos os meus amigos que torceram e torcem por mim, pelo incentivo e palavras de apoio. A meu grande amigo e irmão *Joab Italo*, o qual eu tive a oportunidade de conhecer e compartilhar momentos importantes de minha vida.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	7
2- A CULTURA DO AGAVE EM RIACHÃO-PB.....	10
3- NOS ROÇADOS: FORA DE CASA E ENTRE MULHERES.....	10
4- DUPLA JORNADA: CASA/ROÇADO CASA/AGAVICULTURA.....	13
5- DIVISÃO DO TRABALHO: ESPAÇOS DE CRIAÇÃO DE SI.....	16
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS.....	24

O TRABALHO FEMININO NOS CAMPOS DE AGAVE EM RIACHÃO-PB
(1960-1970)

Leyson Silva Monteiro¹

Resumo: A presente pesquisa visa estudar o trabalho das mulheres na cultura do agave em Riachão-PB entre as décadas de 1960-70. De início recorro a historiografia para fazer um breve relato sobre as mulheres e a ascensão no mercado de trabalho. Durante muito tempo as mulheres estiveram as margens da historiografia, como se a história nos contasse apenas dos homens. (RAGO, 1995). Falarei brevemente sobre a cultura do agave em Riachão para uma melhor compressão sobre a cultura da planta em terras riachãoenses, com o objetivo de analisar a participação das mulheres no trabalho da agavicultura, em algumas regiões do Estado, notadamente no Riachão. Para o desenvolvimento deste texto algumas leituras foram relevantes, entre elas cito BASSANEZI (2008), NUNES (2006) e LIRA (2015). Mostro, brevemente como a exploração em larga escala do agave mudou o cotidiano das mulheres, reconfigurando as relações de trabalho e familiar.

Palavras Chave: Mulher, Trabalho e Agavicultura.

¹ Graduando em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba- Campus III, Guarabira- PB. Email: leysongba@hotmail.com

1. Introdução

Escrever sobre a história das mulheres não é uma tarefa fácil. Durante séculos a Mulher esteve no anonimato, longe do olhar dos historiadores, invisível às pesquisas. Só a partir das décadas de 1960-70, temáticas envolvendo as mulheres emergiu no campo definido para os historiadores/as.² Assim, surgiram livros, artigos de revistas especializadas, teses, dissertações, simpósios e entre outros trabalhos que abordam esta temática.

No Brasil, durante muito tempo, nem as pesquisas de caráter Marxista nem as oriundas da escola dos Annales, não se interessaram em trabalhar com a história das mulheres. Este silêncio não foi uma prerrogativa da historiografia brasileira ou latino-americana, mas também em países como Estados Unidos, e França, onde a busca pelos direitos da Mulher e o reconhecimento da condição feminina se deu mais cedo do que entre nós. Narrativas sobre as mulheres estavam quase sempre ocultas, marginalizadas e muitas vezes longe dos discursos oficiais, a respeito disto nos fala Margareth Rago:

Como se a História nos contasse apenas dos homens e de suas façanhas, era somente marginalmente que as narrativas históricas sugeriam a presença das mulheres, ou a existência de um universo feminino expressivo e empolgante. (RAGO, 1995, p. 81)

A história das mulheres só veio a tona, enquanto campo de pesquisa, a partir do desenvolvimento de novas linhas de estudo como a história das mentalidades e principalmente da história cultural, a partir das últimas décadas do século XX. Vejamos o que diz Raquel Sohier sobre isto:

O desenvolvimento de novos campos como a história das mentalidades e a história cultural reforça o avanço na abordagem do feminismo. Apoiam-se em outras disciplinas, tais como a literatura, a linguística, a psicanálise, e principalmente a antropologia, com o intuito de desvendar as diversas dimensões desse objeto. Assim, a interdisciplinaridade, uma prática enfatizada nos últimos tempos pelos profissionais da história, assume importância crescente nos estudos sobre as mulheres. (Apud LIRA, 2011, p. 13).

As pressões e demandas do movimento feminista, desde os anos 60, assim como a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho e na vida acadêmica forçaram a quebra do silêncio das historiadoras e historiadores.

² Entre eles cito: SILVA, Carmen. **A arte de ser Mulher**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

As faculdades e as escolas de graduação deram início a cursos variados, oferecendo bolsas de estudo e buscando dotar as mulheres de uma formação de nível superior. Segundo Scott, nesse espaço aberto pelo recrutamento das mesmas, fosse pela participação profissional, fosse pela acadêmica, o feminismo logo apareceu para reivindicar mais recursos e denunciar as desigualdades. Muitas mudanças passaram a ocupar o cenário da vida das mulheres e fez com que a historiografia as reconhecesse. A partir disto, no Brasil, a Fundação Carlos Chagas, sob patrocínio da Fundação Ford, proporcionou apoio a muitas pesquisas envolvendo as mulheres.

O início do século XX marcou definitivamente a inclusão da figura feminina no espaço público. Um dos principais espaços ocupados por elas na esfera pública foi o mercado de trabalho.

A história das mulheres, no Brasil, nasceu no interior de uma historiografia do trabalho, em 1970. É importante lembrar que esta sofreu profundas mudanças ao longo desta década, abandonando o interesse exclusivo pela história dos partidos políticos e sindicatos, para incorporar outros temas que ia desde o cotidiano das fábricas até a vida no interior da família, passando pelos valores, crenças e hábitos que marcaram a classe trabalhadora. Na década de 1980, ampliou-se largamente o leque temático não apenas em relação à incorporação de novos agentes sociais, como mulheres, prostitutas, loucas, crianças, negros etc., mas principalmente em relação a dimensões da vida social privilegiadas pelos estudos da mentalidade e da sensibilidade. Temas como a história do corpo e da sexualidade; o poder médico e a loucura; a família, o amor e o pecado; a sedução e o poder, as representações da mulher nos discursos médicos e jurídicos; os códigos da moralidade feminina são incorporados como objetos históricos. (SILVA, 1995).

O impacto da presença feminina na historiografia aparece a partir do questionamento de uma história centrada no conceito de homem enquanto sujeito universal, mostrando as fragmentações do sexo.

Sendo assim, essa nova forma de ver a figura feminina rompeu com o modelo tradicional de estudar a história das mulheres, que se limitava a analisa-las apenas na esfera privada. Esse foi um passo extremamente grandioso para os estudos sobre a mulher. Assim nos diz de forma maravilhosa a escritora Ecléa Bosi (1995), “foi preciso

ir ao fundo das casas, às cozinhas e oficinas, àqueles lugares onde se movem as figuras menores e furtivas”.

A partir desses avanços, muitos historiadores passaram a escrever sobre as mulheres e o cotidiano. A respeito deste cotidiano temos trabalhos significativos na historiografia ocidental, como o de Michelle Perrot, que diz que as mulheres “não tem poder, elas tem poderes”, e que os mesmos na maioria das vezes são exercidos de forma oculta, o que não significa que ele não exista. Somos levados a crer que muitas decisões políticas, militares e econômicas, são tomadas única e exclusivamente por homens, mas esquecemos de que nos bastidores da história, muitas dessas decisões sofreram influências femininas.

No Brasil, como pioneira a trabalhar com a história das mulheres, Maria Odila Leite da Silva Dias (1984), buscou descrever como era o cotidiano das mulheres pobres da cidade de São Paulo, as funções que geralmente elas exerciam e a luta que essas mulheres enfrentavam para sobreviver em meio a uma sociedade “Machista”.

Na Paraíba temos trabalhos importantes a respeito das mulheres, a exemplo da historiadora Alômia Abrantes que analisa os discursos que aparecem na imprensa nos anos 1920/30 sobre o feminino, e também trabalhou com o corpo feminino, sua produção é do final do século XX e início do XXI.

Na Paraíba as mulheres tiveram uma participação de grande significância no espaço público, a exemplo das atividades desenvolvidas na agricultura. No que diz respeito ao trabalho na agavicultura várias dissertações e teses já foram escritas. Entretanto, são poucos os trabalhos acadêmicos que tenham privilegiado o estudo da mulher como questão central. Assim, neste breve artigo debruço-me sobre os afazeres das mulheres na agavicultura, na Paraíba. Com base num trabalho de campo que realizei em Riachão, entre 2014/2015, quando entrevistei 04 mulheres que trabalharam no agave entre os anos de 1960-70. É também a partir da pesquisa de Mariângela Nunes (2006) e Silvano Fidelis (2014), este último mais sensível a história das trabalhadoras de agave³.

³ A família Amaryllidaceae é formada por monocotiledôneas perenes, na maioria bulbosas, as quais incluem cerca de 50 gêneros e 870 espécies. A maioria das plantas dessa família apresenta um órgão de armazenamento que acumula reservas nutritivas, fato que favorece seu cultivo em áreas de baixa pluviosidade. (MACHADO, Célia, *Herbário da Universidade de Coimbra*. http://www.uc.pt/herbario_digital/Flora_PT/Familias/Amaryllidaceae/ Acesso em 26/05/2015 às 14:25hrs.

2. A cultura Agaveira em Riachão – PB

A partir do final dos anos de 1930 e início da década seguinte, o agave passou a ser pensada na perspectiva oficial, como a salvação para economia paraibana. Tal discurso falava em diversificação da agricultura, assim algumas lavouras novas ganharam destaque como a mamona e o agave.

Até então o agave era desconhecido na Paraíba. No decorrer dos anos de 1940, ele foi ganhando espaço na agricultura e sendo plantado em várias regiões como o Brejo, o e os antigos cariris Velhos, atual curimataú.

De acordo com CUNHA (2010), o agave chegou ao município de Riachão por volta da década de 1940. Este município está localizado na microrregião do Curimataú Oriental paraibano, uma área considerada seca, cuja temperatura varia entre 18° a 36°C.⁴

Os grandes proprietários foram os primeiros a cultivarem a planta seguindo os mesmos passos de Areia e Guarabira, que também já estavam cultivando tal lavoura. Ainda na mesma década, os pequenos proprietários também a cultivaram em suas terras.

De acordo com a pesquisa, o agave fora aceito, tanto por parte dos trabalhadores quanto pelos proprietários, para os grupos de trabalhadores de Riachão, esta “aceitação” se deu porque o trabalho no agave proporcionava empregos nos períodos de entre safra, período esse considerado pelos trabalhadores/as, um tempo difícil para se manter das plantações de subsistência. Nesse momento a única alternativa era o agave. Com a chegada do agave, o período entre safra (verão) passou a ser a época na qual mais se ganhava dinheiro, diz o Senhor Afonso Ferreira⁵, “o dinheiro era certim”.

3. Nos Roçados: fora de casa e entre mulheres

A agavicultura estimulou o ingresso das mulheres no espaço do desfibramento. O trabalho na agavicultura a que me refiro neste texto está ligado sobretudo ao desfibramento das folhas, ou seja ao 1º beneficiamento que sofre a planta, que ocorre na zona rural. Desta forma, as mulheres passaram a trabalhar em atividades extremamente árduas e em um ambiente marcado pela presença do masculino.

⁴ O município foi criado em 1994 após ter ganhado sua autonomia política desmembrando-se de Araruna por força da lei estadual nº 5888. A instalação do município deu-se em 1 de janeiro de 1997.

⁵ Afonso Antônio Ferreira, 59 anos. Entrevista realizada em 26 de agosto de 2015, concedida ao autor. A entrevista com este narrador foi realizada em uma única sessão, com duração de 1:17:51 mim. Na época da produção do agave era cortador e cambiteiro.

Até então, as mulheres trabalhavam na agricultura familiar com seus parentes ou ainda no “arrendado” na maioria das vezes em atividades atribuídas as mulheres como a “apanha de algodão”, quando predominava a presença feminina. A respeito disto vejamos o que D. Maria, antiga moradora dos Cariris Velhos disse, em entrevista a Mariângela Nunes:

Trabalhamos, nós trabalhava nós era do roçado quando nada na apanha do algodão era uma festa pra gente. Porque se ajuntava o povo todinho pra apanhar algodão. Era um serviço era mais de mulher de que homem apanha de algodão, hoje, num preferia homem era só mulher [...] (Apud, NUNES 2006, p. 53)⁶

Para a entrevistada, a apanha de algodão era uma “uma festa” porque era um trabalho mais leve, que não exigia muita força física e era realizado, quase sempre por mulheres, “amigas de outras datas” e até de outras regiões da Paraíba.

A “apanha de algodão” ocorria uma vez por ano. Nesta atividade, comumente não havia a presença de homens que tornassem o ambiente constrangedor.

Antes do agave as mulheres trabalhavam ainda em seus roçados, ou nos roçados do dono da terra onde moravam. Embora houvesse a presença masculina quase sempre era dos maridos, ou parentes próximos como filhos/as e pais. Sobre isto D. Maria José disse: “Meu pai necessitava do trabalho da gente”⁷. Assim, as mulheres, ao irem trabalhar no roçado ou em qualquer outro serviço fora do lar, ajudavam na manutenção da família. Mas nestas atividades, em regra geral as mulheres trabalhavam com suas primas, pais, maridos, filhos/as e irmãos/as, enfim, com “o povo de casa”.

Algumas famílias moravam e trabalhavam em seu próprio pedaço de terra, que variava de 2 a 5 hectares. Entretanto, a grande maioria era de moradores das grandes fazendas. Nessa época, boa parte das terras que compreendem hoje o município de Riachão, estavam nas mãos de 4 ou 5 grandes proprietários, entre eles cito o Senhor Alício, Senhor João Pacheco e outros.

Porém, nesta pesquisa enfatizo, sobretudo, as mulheres que trabalhavam para os grandes proprietários. Essas em sua maioria eram filhas e esposas de pessoas agricultoras que moravam, quase sempre em terras alheias. Portanto, mulheres que

⁶ Maria do Carmo Dantas, entrevista concedida a Mariângela de Vasconcelos Nunes em Pedra Lavrada, antigo Cariris Velhos em setembro de 2003.

⁷ Maria José Cunha Lima, 64 anos. Entrevista realizada em 09 de setembro de 2016, concedida ao autor. A entrevista com esta narradora foi realizada em uma única sessão, com duração de 00:19:50 mim.

nasceram e se criaram na zona rural e que, desde cedo, começaram a trabalhar juntas aos seus irmãos/irmãs e pais no roçado e também no agave.

Pois desde cedo, já estavam ao lado dos pais na lida do agave, muitas vezes contra sua própria vontade. A infância destas crianças foi muito difícil, pois, além do trabalho no roçado ou no agave já tomavam conta dos irmãos e irmãs mais novos. Meninas cujo brinquedo foi a enxada e a folha de agave pois, muitas das entrevistadas de Riachão começaram a trabalhar aos 7 – 8 anos de idade.

Durante muito tempo vimos na historiografia que as mulheres eram restritas ao espaço privado do lar. Desde crianças, as mulheres eram criadas para serem exímias donas de casa, mães e esposas. Criadas para serem “Rainhas do Lar” (BASSANEZI, 2008). Elas tinham que saber cozinhar, lavar, costurar, bordar e cuidar bem dos filhos. Essas eram as atividades que as mulheres deveriam exercer, boa parte delas era realizada na esfera privada. Mas esse modelo de mulher prendada, cheia de atividades desempenhadas apenas no âmbito doméstico voltava-se, sobretudo para as mulheres pertencentes à burguesia.

As mulheres pertencentes as camadas populares, trabalhavam nos mais variados serviços. Em regra geral, em diferentes regiões do Brasil, as mulheres deste segmento social faziam faxina, lavavam roupas, trabalhavam de costureira, tomavam conta de crianças entre outras atividades. Mas até as primeiras décadas do século XX, as atividades destas mulheres era quase sempre desempenhadas em torno da casa, ou de atividades, tradicionalmente atribuída as mulheres.

Com o advento das décadas de 1920 e 1930, as mulheres brasileiras passaram a frequentar mais o espaço público, mas para conquistar o seu lugar no mercado de trabalho, as mulheres enfrentaram muitas dificuldades, como a longa jornada. Trabalhavam excessivamente, porém eram mal remuneradas. As condições, o assédio sexual praticado pelo patrão, capataz ou companheiro de trabalho, tornava o ambiente extremamente opressivo, como se o trabalho, os baixos salários e o fato das mulheres terem que conciliar afazeres do trabalho assalariado, com as atividades domésticas já não fossem uma tarefa árdua.

4. Dupla Jornada: casa/roçado – casa/agavicultura

As mulheres, ao irem trabalhar fora de casa, passaram a exercer uma dupla jornada: o trabalho assalariado e as atividades domésticas, “a mulher que saiu para trabalhar fora de casa ainda tem que continuar a fazer todo o trabalho doméstico, nas horas que deveriam ser de folga” (CARDOSO, Apud Lira 2010). Isso ocorreu muito durante a lida com a cultura do agave. Muitas vezes ao saírem de casa, as mães que tinham filhos ainda pequenos deixavam-nos com os avós.

No município de Riachão essa prática também se tornou corriqueira, como disse a Senhora Josefa Barros “[...] mãe ficava com os mais pequenos.” Desta forma, o cotidiano das mulheres estava sofrendo algumas mudanças. Os campos de agave estavam comumente afastados de suas casas. Assim, elas foram deixando de fazer as refeições em casa com os filhos/as e os parentes. Ademais, o trabalho mais longe de suas casas aumentava bastante sua jornada de trabalho. A noite tinham as atividades de casa que faziam até mais tarde como disse D. Estelita, “Quando eu vinha terminar os serviços de dentro de casa era 10, 11 horas da noite. No outro dia logo cedo tinha que ir trabalhar de novo, mas antes de ir trabalhar tinha que deixar os serviços feitos”⁸.

Ademais, quando no trabalho só dos roçados as mulheres presenciaram o crescimento dos seus filhos, que na maioria das vezes as acompanhavam na lida da terra. Assim, as mães ensinavam para seus filhos seu ofício, e dividiam com eles alguns momentos de desconcentração, como disse D. Maria:

É, porque o roçado é um serviço bom, no roçado eles tão trabalhando mais a gente, dão uma carreira no pé de imbu, vão buscar um punhado de imbu, vão comer uma fruta, tomar um banho, tinha um pocinho d’água, choveu, ‘mas pia que pocinho cheio, deixa eu dar um mergulho’, e lá na fibra era sério. (Apud, NUNES 2006, p. 202).

Entretanto, na agavicultura o trabalho se tornou mais sério e muitas mães preferiam deixar seus filhos e filhas com parentes próximos, tal foi o caso de D. Josefa Barros “mãe ficava com os mais pequenos”.

A partir desta fala entendo que estava ocorrendo uma reconfiguração na educação dos filhos. Pois com a agavicultura, boa parte das crianças ficavam em casa com parentes e não mais acompanhavam seus pais ou mães no trabalho. Assim,

⁸ Estelita Pereira da Silva, entrevista concedida a Ivanildo Barbosa Lira em Cuitegi-BP, em 04 de março de 2011. Na agavicultura ela lavava, secava e arrumava as fibras do Sisal.

passaram a ser educadas pelos outros ou irmãs e irmãos mais velhos/as, entre outros membros da família. Pois, com a cultura do agave veio a tentativa de disciplinarizar os corpos, a mecanização que instituiu um tempo preciso, um tempo de produção, por isso as mães passaram a não levar seus filhos/as pequenos/as para os campos de agave.

O trabalho passou a ser monitorado e vigiado. O trabalho no agave exigia não só mais força como também era extremamente disciplinado, mecanizado e ritmizado. Era preciso “Corpos Dóceis”, (FOUCAULT, 2003) fisicamente resistentes e submissos ao trabalho diário nos campos de agave. Mesmo as mães que ainda levavam seus filhos/as para o trabalho tiveram que reinventar seu tempo com os filhos, como disse D. Maria, fibreira dos Cariris Velhos “na fibra era sério”, ou seja, as crianças não podiam mais ser crianças e as mães não tinham mais tempo de serem mães.

Entre os anos de 1950-1960, Riachão ainda era distrito de Araruna-PB. Boa parte da população local nesse período morava na zona rural, uma vez que a área urbana quase não existia, eram poucas as casas e ruas propriamente ditas que formavam o vilarejo de Riachão e as atividades agrícolas ainda eram predominantes. A terra era basicamente a única fonte de renda das famílias riachãoenses.

A maioria das mulheres economicamente pobres foi trabalhar no agave devido a necessidade econômica. “No tempo dos agaves eu trabalhava mais os meninos isso era no ‘eito’ do povo pra ganhar também [...]”⁹. Muitas delas trabalhavam para poder comprar calçado, algo que pudessem vestir, até porque o que os pais ganhavam era usado basicamente para a sobrevivência familiar isto é, a compra de alimentos. As mulheres também eram provedoras de suas famílias aumentando assim as suas atividades, somando-se as atividades fora do lar para ajudar o marido, as tarefas do lar.

O próprio dia a dia das mulheres era sobrecarregado pelas atividades de casa, pois a mulher era a única encarregada dos afazeres no âmbito privado e também realizavam serviços fora de casa. Assim nos diz a pesquisadora Auri Donato:

O dia-a-dia das mulheres é marcado por uma sobrecarga de trabalho e que lazer na vida cotidiana é privilégio dos homens. O processo de ajuda mútua camponês restringia-se ao trabalho produtivo pois, no que se refere ao espaço

⁹ Josefa Barros Bezerra, 72 anos, mais conhecida como Zefinha de Teresa. Entrevista realizada 02 de setembro de 2015, concedida ao autor. A entrevista com esta narradora foi realizada em uma única sessão, com duração de 00:33:00 mim. Entre 1960-70 ela realizava vários trabalhos como: “cortadeira” e lavadeira.

doméstico, só as mulheres se encaminham para o seu interior para cumprirem com sua “obrigação.”¹⁰

Foi a partir de meados dos anos 1940, que as mulheres começaram a trabalhar na cultura agaveira, e passaram a conciliar o cultivo do agave com o tradicional trabalho da agricultura, uma vez que ambos eram produzidos em tempos distintos. No verão trabalhavam nos agaviais e no período de inverno iam trabalhar nos roçados. Somando-se assim, estas atividades as tarefas domésticas. Portanto, tinham sempre uma jornada dupla de trabalho: roçado/casa, motor de agave/casa.

De um modo geral, as mulheres agricultoras eram tradicionalmente donas de casa e trabalhavam nos roçados, como disse Auri Donato:

[...] sempre foi vista como dona de casa, principalmente nas sociedades tradicionais, responsável única pelas tarefas domésticas como preparo e transformação dos alimentos, a limpeza da casa, os cuidados com os filhos, a saúde da família, a educação, como também a cria de pequenos animais, o cultivo de hortaliças e o trabalho no roçado. (CUNHA, 1993, p. 182).

Quando trabalhavam em seus roçados, exerciam as funções de donas de casa, mãe e estavam, próximas ao local onde moravam. Era frequente ainda na neste momento do roçado fazerem todas as refeições em casa, e cuidarem dos alimentos e da terra ao mesmo tempo. Sobre isto lembro aqui um trecho da fala de D. Maria, antiga trabalhadora dos Cariris Velhos, em entrevista a Mariângela Nunes:

O roçado da gente, a gente trabalha, a gente trabalha, aí eu tô trabalhando aqui no meu roçado, o roçado é meu eu trabalho a gente diz assim vou tomar um café de 9 horas. Aí eu tô no meu roçado, vou tomar café em casa chega, a gente toma avexado se a gente tiver vamo logo, vamo logo, pra acabar logo. A gente toma aquele café, nós come ali uma batata, um pedaço de rapadura. Volta pra trás quando é de 11 hora, almoça aí ela, eu tô no meu, vou deixar dar 1 hora. Vem de onze e meia mais tarde. Tem gente que num vem, larga de 11 hora. 11 hora pra onze e meia a gente chega quando é de doze e meia a gente chega, quando é de doze e meia, a gente diz pronto, pra nós largar mais cedo, aí já a gente já volta porque é do roçado da gente, o horário quem dá é a gente. (Apud, NUNES 2006, p. 63)

Podemos perceber a partir da fala de D. Maria que, durante a agricultura de subsistência, os horários eram estabelecidos por elas mesmas. Ainda não existia uma mecanização e controle sobre o tempo de cada trabalhador. “O horário quem dá é a gente”.

¹⁰ CUNHA, Auri Donato da Costa. **Terra para quem nela Vive e Trabalha: Relações de Gênero na Organização do Trabalho Familiar Camponês**. Dissertação em Ciências Sociais. João Pessoa-PB, UFPB, 1993, p. 182.

Mesmo tendo todas essas “obrigações” de donas de casa e agricultoras, D. Maria José entrevistada pelo autor diz que “os homens trabalhavam mais” que as mulheres, “o mais pesado ficava com o homem”. Quando questionada sobre o porquê dela pensar desta forma a mesma diz que não se compara os deveres de casa com as atividades da agricultura, mas sabemos que ambas eram cansativas, principalmente quando executadas no mesmo dia, uma vez que muitas das mulheres iniciavam a jornada de trabalho as cinco da manhã, ou ainda mais cedo. Pois, antes de ir pro motor ou roçado já realizavam várias tarefas de mães e donas de casa.

Entretanto, todas as mulheres que entrevistei, entre elas cito D. Josefa Barros e D. Maria José, achavam difícil conciliar os afazeres domésticos com a lida nos campos de agave. Para Dona Maria José, o trabalho que ela achava mais “fácil” de conciliar com os afazeres de casa era a agricultura, “apanhar feijão, algodão”, já a lida no agave consiste em um trabalho mais duro e desgastante. Por isso a dificuldade em conciliar com as tarefas do ambiente doméstico.

5. Divisão do Trabalho: espaços de criação de si

A cultura do agave proporcionou um grande crescimento na demanda de mão de obra, uma vez que quase todo o trabalho era braçal. O trabalho na agavicultura era composto por várias tarefas o preparo da terra, o plantio das mudas de agave a limpa (o roço), o corte, o transporte, o desfibramento, a lavagem, a secagem e o armazenamento das fibras.

O trabalho na agavicultura iniciava com o corte das folhas. Em regra geral, na maioria dos lugares, esta atividade era exercida exclusivamente por homens, nos lugares onde se encontrava os agaviais. Entretanto, de acordo com algumas mulheres entrevistadas, na área em estudo, elas também exerceram o corte, como nos diz a Senhora Josefa Barros “Eu cortava e carregava. Eu era cortando e os meninos encostando. Quando tinha muita folha, aí perto do almoço eu deixava, encostava o corte e ia ajudar a encostar lá no pé do motor.” Geralmente a velocidade empregada nos cortes gerava muito desgaste físico. Os cortadores/as, estavam quase sempre expostos as furadas de espinhos e até mesmo eventuais acidentes causados pelos instrumentos de trabalho considerados ultrapassados, tais como a foice.

Além de cortadora, D. Josefa também contou que carregava as folhas de agave até os locais onde ocorriam o desfibramento. O transporte das folhas era feito no lombo

de animais, como disse o Senhor Antônio, “Nesse tempo, sabe em que a gente carregava? Nas costas do jumentinho, no Gonzaga, ninguém aguentava carregar As pessoas que desempenhavam esta função, de carregar as folhas de agave até o motor, eram chamadas de cambiteiros ou cambiteiras.

Aqui podemos ver as mulheres adentrando um espaço antes masculino ainda que empurradas pela precariedade da vida. Entretanto, o que é importante destacar é que esta atividade ocorria sempre em lugares ermos, no meio do campo, dos agaviais, longe da casa grande, do roçado da família, do motor de agave onde estavam as maquinas e se concentrava um número maior de pessoas. Assim homens e mulheres passaram a trabalhar juntos em ambientes pouco movimentados.

Nos agaviais, locais onde estavam as plantas ficavam apenas as raras cortadoras que se encontrava nesta função e os homens ou as poucas mulheres que transportavam as folhas até o local do desfibramento. Este aspecto rompeu com padrões culturais da região, pois, comumente as mulheres não estavam acostumadas a trabalharem no mesmo espaço que os homens, e que as constrangia.

Entretanto, a presença de um homem da família garantia “mais respeito” a mulher que trabalhava no motor de agave, mas não evitava o constrangimento. Isto é, comumente as mulheres que tinham parentes homens trabalhando na agavicultura eram mais respeitadas ou menos desrespeitadas. Ainda assim, muitos não as respeitavam, é o que nos diz uma antiga trabalhadora de Cubati-PB:

O próprio cunhado meu, hoje em dia ele já morreu, ele ta pagando onde ele tiver. O próprio cunhado não tinha respeito, dizia cada um palavão que fazia vergonha. No motor de agave. Acredita? Era João de conceição. Eu sofri muito. (Apud, LIRA 2015, p. 167).

Esta fala mostra como era difícil para as mulheres enfrentarem o mesmo ambiente que os homens. Tudo isso gerava constrangimento para as trabalhadoras que preferiam manter-se longe dos homens trabalhando nos locais onde as fibras eram lavadas, desta forma legitimavam a posição e a função a elas atribuídas pelos homens. Mantendo-se longe dos homens, estavam se privando de humilhações cometidas pelos mesmos.

Sobre os conflitos diários envolvendo homens e mulheres, D. Josefa Barros disse: “Era tudo de respeito, tudo na palestra, num sabe... Só palestrando, mas negocio

de piada, essas coisas não”. De acordo com ela a relação era amigável, sem desrespeito ao espaço delas. Entretanto é preciso observar que esta entrevistada trabalhava acompanhada de parentes próximos do sexo masculino, sobre isto ela diz . “Ele (marido) ganhava no povo e eu mais os meninos trabalhando no agave Adivan, finado Martin, Elizama.” Os demais citados por ela, eram vizinhos e parentes.

Posteriormente as folhas eram levadas aos locais onde ficavam as maquinas. Nas maquinas, esperando as folhas do agave, estavam os puxadores. Por ser uma atividade extremamente perigosa e que exigia certa força e precisão na execução, os homens eram os encarregados de cumpri-la. Mas não era qualquer homem que enfrentava a “boca da maquina”, os que se aventurassem nesta função teriam que reunir várias qualidades. Sobre isto vejamos o que Mariângela Nunes nos diz:

Assim, “*era preciso ser mais forte do que era*”, ou seja, era preciso ser rápido, ágil, disposto, e “*tinioso*” para enfrentar a temida “boca da maquina” e dominá-la, não se deixando tragar por ela. A puxada era um arte que reunia força, coragem, destreza e talento. (NUNES, 2006, p. 210).

Sem duvida esta atividade exigia muita força física, mas para além da força era preciso ter outras atribuições, como “destreza, coragem e talento.” Tais características, nas sociedades patriarcais são basicamente exclusivas de homens. Assim, não precisava apenas de muita força física para exercer a puxada nas maquinas mecânica, mas precisava também nascer homem, “ser macho”. Afinal de contas, o puxador, como disse um antigo produtor dos Cariris Velhos, era o “cabra” mais forte e valente do motor de agave. Ele também determinava o ritmo da produção, ou seja, o puxador tinha um tipo de comando na cadeia de produção. Tal aspecto dificilmente seria atribuído a uma mulher. Não se trata aqui de reivindicar a conquista da puxada para as mulheres, mas sim de enfatizar que não era apenas o fato das mulheres não terem as mesmas capacidades musculares que os homens que as tornava menos capazes para puxada, e sim porque não atribuía-se a elas a coragem e o espirito de liderança e comando que tal função exigia.

Sabe-se que nas maquinas manuais, que também requer bastante força física, as mulheres faziam a puxada, quando trabalhavam com suas famílias, quando o ritmo da produção não estava submetida a rotação da maquina, e quando não cabia as pessoas que estavam executando a puxada a função de comando. Assim, não existem registros

na literatura estudada que houvesse mulheres ocupando estas funções, nas máquinas mecânicas, em todo o Estado da Paraíba.

Perto dos puxadores ficavam os bagaceiros, a função do mesmo era retirar debaixo das máquinas mecânicas os resíduos provenientes do desfibramento e enchiam o banco com as folhas. Essa atividade era normalmente desempenhada por homens. O bagaço apresentava uma espécie de teor corrosivo muito forte causando dano coceira e até ferimentos no corpo dos bagaceiros. Por ficar no mesmo local que os homens, perto dos puxadores, não existem muitos relatos de mulheres exercendo esta função na cultura do agave. No município de Riachão, D. Severina foi umas das raras mulheres que ocuparam este espaço, “olha o que é que eu fiz, fui mais meu menino, até isso eu fiz”¹¹ diz ela como se estivesse surpresa e constrangida diante do que tinha feito.

E por fim era realizada a lavagem das fibras, uma atividade que foi sendo naturalizada na agavicultura como feminina. Lavagem, secagem e o armazenamento das fibras eram realizados pelas mulheres. As pessoas que trabalhavam nesta função geralmente mulheres, eram denominadas de fibreiras.

Esta era a função considerada mais leve na agavicultura, enquanto dizia-se que os trabalhos mais pesados eram de responsabilidade masculina. Os serviços vistos como leves, que exigiam paciência eram tradicionalmente atribuídos às mulheres. Na maioria das regiões produtoras da Paraíba esta era basicamente a função que cabia às mulheres.

Todavia, na lida com o cultivo do agave não existia tarefas fáceis, porém, as atividades destinadas às mulheres eram funções apontadas pelos homens como sendo atividades em que exigiam paciência e capricho. Vejamos o que diz o Senhor Agenor, antigo trabalhador dos Cariris Velhos, ao referir-se às atividades das fibreiras:

Só a mulher, porque a mulher tem um capricho pa tratar de fibra melhor do que o home. O home só que é amarrará e botá pra frente e vai embora. E a mulher, não, a mulher sempre é mais caprichosa nos horários de tirar, nos horários de espalhar, os horários de amarrar a mulher é mais caprichosa. (apud, NUNES 2006, p. 212).

Ora desta forma, as mulheres eram direcionadas para os postos de acordo com as características que lhes eram atribuídas devido a uma "suposta essência": a paciência, o

¹¹ Severina dos Reis Cavalcante, 58 anos. Entrevista realizada em 02 de março de 2015, concedida ao autor. A entrevista com esta narradora foi realizado em uma única sessão, com duração de 00:49:09 mim. Entre 1960-70 ela realizava vários trabalhos como: cortadora e lavadeira.

zelo, o capricho, o cuidado, vistos como atribuições exclusiva das mulheres. Enquanto, cabia aos homens a força, a agilidade e rapidez, a coragem e a liderança para o comando. Cabia a este sexo segundo o narrador citado, aspectos que levavam o trabalho para frente, desconsiderando ou secundarizando o trabalho feminino.

Assim, paciência, zelo, capricho pareciam ser os elementos definidores para o requisito das trabalhadoras fibreiras escondendo a crueldade desta tarefa. Sobre isto Mariângela Nunes disse “Mais do que capricho as mulheres lavadeiras de fibras precisavam de força e coragem para enfrentar o dia-a-dia nas fibras: corrosivas, cortantes e destruidoras.”¹²

As lavadeiras fibreiras, levavam as fibras até um local onde elas deveriam ser lavadas (tanque ou rio). Ao lavar as fibras, as mulheres ainda reafirmavam uma de suas tradicionais aptidões, a de lavadeiras: de louças, de roupas e por fim de fibras. Para tais funções elas estavam treinadas. Assim carregavam a fibra na cabeça banhando seus rostos e cabelos com a garapa, corrosiva e extremamente ofensiva, que desprendia-se da folha quando desfibrada. Estas mulheres ainda sofriam outros tipos de violências, pois há um consenso na historiografia sobre o agave na Paraíba, que estas trabalhadoras eram as que recebiam os salários mais baixos, como disse Lira:

As fibreiras, ainda sofriam um tipo de violência, dentro do trabalho elas eram consideradas frágeis, vulneráveis e mais preguiçosas, por tanto os homens determinavam que o pagamento de uma mulher deveria ser a metade do pagamento oferecido aos homens. Duas mulheres não valem nem por um homem, dizia. (LIRA, 2015, p. 170).

Todavia na região pesquisada, as mulheres entrevistadas afirmaram ganharem iguais aos homens, disse D. Josefa Barros “Não, quem trabalhasse ganhava.” O mesmo disse outra entrevistada, D. Severina “não, era tudo uma coisa só”.

As fibras eram comumente estendidas em um local afastado do motor. Distante dos homens, as mulheres tinham um espaço só delas, um recanto íntimo, onde muitas das vezes poderiam falar sobre coisas que eram privadas pelos homens, “outros amores, outros sonhos, outros desejos” (Apud, LIRA, 2015).

¹² NUNES, Mariângela de Vasconcelos. **Entre o Capa Verde e a Redenção: A Cultura do Trabalho com o Agave nos Cariris Velhos (1937-1966)**. Tese, Universidade de Brasília – UNB Brasília, 2006.

Muitas foram as estratégias de resistência para fugir do desrespeito e dos olhares dos homens, embora não denunciado pelas mulheres entrevistadas de Riachão. “Traçar linhas de fuga” (ROSA, 2013), em meio a uma sociedade patriarcal estava quase sempre atrelado ao universo feminino nos campos de agave.

Trabalhar ao lado dos homens causava nas mulheres da agavicultura constrangimento. Assim, em muitos casos as mulheres chegavam mais tarde ao motor de agave como disse D. Maria que exercia a função de fibreira. Sobre isto ela diz:

No motor não tinha hora certa pra começar não, mas a virada dele era 4 horas da madrugada... Eu só chegava de manhã, que eu não tinha o que ver de 4 horas, tinha um bocado só de homem, tinha nem gente da gente. (Apud, NUNES 2006, p. 212).

Ao analisar esta fala Mariângela Nunes enfatiza o constrangimento feminino nesta profissão:

Certamente, um bocado de homens, muitas vezes desconhecidos das fibreiras que, até então, eram acostumadas a trabalhar com seus familiares, ou em grupos maiores, geralmente compostos por mulheres, a exemplo da “apanha algodão” em que predominava o trabalho feminino, referido no primeiro capítulo. Por isto, as fibreiras se sentiam constrangidas em serem, no máximo, duas em meio a uma turma de, no mínimo, seis homens. Assim, preferiam chegar apenas às seis horas, quando já havia sido desfibrada uma porção de fibras permitindo que estas iniciassem seu trabalho. (NUNES, 2006, p. 212)

Além de chegarem um pouco mais tarde, as mulheres gostavam de ficar separadas dos homens, buscava nos curtos espaços de tempo a libertação, mesmo que momentânea, do machismo sofrido dentro do próprio lar, exercido muita das vezes pelo pai ou marido. Sobre isto vejamos o que Dona Maria de Lourdes diz, em entrevista a Silvano Fidelis:

Quando a gente trabalhava era cantando, era rindo, era contando piada. Tudo que a gente fazia naquela época a gente fazia alegre, por amor. As vezes tava chovendo e a gente ia tirar aquela fibra, tomava banho na chuva. Ai a gente colocando no varal e a água caindo e a gente tomando banho, ah era muito bom, isso em João Jerônimo né. Passei muitas fazes muito boas. Lá em Osvaldo já era diferente, já ninguém ia pra campo, lá em Osvaldo era misturado, era homem e mulher, assim, as mulheres, num era misturado porque as mulheres ficavam num galpão, os homens noutro pegado a fibra, jogando e a mulher pegando e amarrando e jogando por outro lado, pra depois fazer os fardo e os carros levar. Era melhor em João Jerônimo, ganhava mais, mais era muito atribulado, era muita mulher, muito homem. (Apud, LIRA, 2015, p. 169).

De um modo geral, não havia muita privacidade nos lugares em que as mulheres trabalhavam. Em alguns casos o desfibramento do agave ocorria em áreas tão distantes

de casa que as mulheres passaram a pernoitar no trabalho. À noite dormiam ao relento, na barraca do motor ou debaixo das árvores juntos aos homens.

6. Considerações Finais

Em Riachão não houve relatos de distinção no pagamento das mulheres que trabalharam na mesma função que os homens. Mesmo sendo uma função considerada mais fácil pelos homens, mas, as mulheres ganhavam o mesmo valor que eles. As lavadeiras solteiras davam uma parcela do dinheiro aos pais para eles fazerem as compras (em muitos casos, comprar gêneros alimentícios que não eram produzidos no roçado), com a outra parte elas compravam roupas para uso próprio.

De acordo com a pesquisa observo que muitas das mulheres riachãoenses pertencentes as camadas mais carentes, aventuravam-se no trabalho desde os primórdios de sua idade para ajudar os pais ou maridos. Trabalhavam tanto no âmbito doméstico quanto nos roçados.

As necessidades de ordem econômica foram os principais motivos que fizeram com que as mulheres fossem em busca de trabalho. Muitas até abandonaram o lar para ajudar nas despesas junto aos pais e maridos. A participação das mulheres na cultura agavieira, na Paraíba e, sobretudo, no município de Riachão foi marcada por uma longa jornada de trabalho, em muitos casos mal remunerado. Os afazeres começavam as 6 (seis) 7 (sete) horas da manhã estendendo-se até as quatro, cinco horas da tarde. Ao chegar em casa iam cuidar dos afazeres domésticos.

As trabalhadoras do agave no seu ambiente de trabalho enfrentavam constrangimentos e conflitos a partir da convivência cotidiana com os homens, que como elas, talvez, também estranhassem o convívio diário no trabalho da agavicultura.

Mas, compartilhando o estranhamento da convivência, foram as mulheres que se sentiam constrangidas e oprimidas no mundo do agave.

Em meio a essas dificuldades impostas pela condição do sexo, as mulheres que trabalharam no cultivo do agave nos Cariris Velhos e em Riachão souberam cada uma a sua maneira, criar novos espaços de si, aproveitaram brechas de um sistema opressor e forjaram novas artes de sobreviver, maneiras artísticas de existência/resistência. Essas

artes estavam em coisas simples, triviais para quem estava fora daquela realidade a que foram submetidas, como cantar com as amigas e criar um espaço de alegria.

THE FEMININE WORK IN THE FIELDS OF AGAVE IN RIACHÃO-PB
(1960-1970)

Abstract: The present inquiry aims agave studies the work of the women in the culture of in Riachão-PB between the decades of 1960-70. Of beginning I resort to historiography to do a short report on the women and the ascent in the labor market. During much time the women were the edges of the historiography, as if the history was telling us only of the men. (RAGO, 1995). I will speak shortly on the culture of agave in Riachão for a better compression on the culture of the plant in lands riachãoenses, with the objective to analyse the participation of the women in the work of the agavicultura, in some regions of the State, especially in the Riachão. For the development of this text some leituras were relevant, between them I quote BASSANEZI (2008), ODD NUMBER (2006) and LYRE (2015). I show, shortly like the exploration in wide scale of agave changed the daily life of the women, re-shaping the relations of work and relative.

Key words: Woman, Trabalho and Agavicultura.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena . **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**.. São Paulo: Contexto, 2008.
- BOSI, E. As outras testemunhas. In: DIA S, M. O. L. da S. (Org.). **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CUNHA, Robson José Bento da. **A Cultura do Agave em Riachão-PB: Do Apogeu ao Declínio**. Monografia em História, Universidade Estadual da Paraíba –UEPB, PB.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: O Nascimento de Prisões**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LIRA, Ivanildo Barbosa. **A cultura da Agave e o trabalho feminino em Cuitegi-pb (1960)**. Especialização em História Cultural, Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, PB.
- LIRA, Silvano Fidelis de. **Memórias e sensibilidades, as práticas do contar-se: Uma história dos campos e motores de Agave (Cubati, PB 1950-1980)**, Dissertação em História, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2015.
- NUNES, Mariângela Vasconcelos. **Maldição e benção: Histórias do Sisal na Paraíba (1930-1953)**. Dissertação em História. Brasília, UNB 1996.
- _____. **Entre o Capa Verde e a Redenção: A Cultura do Trabalho com o Agave nos Cariris Velhos (1937-1966)**. Tese, Universidade de Brasília – UNB Brasília, 2006.
- PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. V. Ribeiro. Bauru-SP: Edusc, 2005.
- PORTTELI, Alesandro. “O que faz a História oral diferente” In Projeto de História. São Paulo, nº 14 fev. de 1997.
- RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 578-606.
- ROSA, Susel Oliveira. **Mulheres, Ditaduras e Memórias: não imagine que precise ser triste para ser militante**. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2013.
- SCOTT , J. História das Mulheres. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 63-96.
- SOIHET, R. Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas. In:

SAMARA, E. M.; SOIEHT, R.; MAT OS, M. I. S. de. (Org.). **Gênero em Debate**: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: Educ, 1997a. p. 55-82.

SOUSA, Marta Lúcia. **A produção do sisal na Paraíba**: O município de Cuité, um estudo de caso. Campina grande, Ufpb, 1987. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) universidade Federal da Paraíba, 1987.